

Camila dos Santos Reis  
Sandro Marcío Drumond Alves Marengo

## A VARIAÇÃO DO LÉXICO DOS VAQUEIROS EM FÁTIMA-BAHIA

### RESUMO

O presente trabalho está inserido na perspectiva de investigação lexical e constitui uma análise da variação da fala de vaqueiros da região fatimense, no estado da Bahia. Nosso objetivo principal é verificar como, por meio dos signos linguísticos, os homens de gado fatimense nomeiam e apreendem a realidade em que vivem. Para isso, foi feito o levantamento das lexias utilizadas pelos vaqueiros, a partir de campos semânticos, mais especificamente no campo “Instrumentos” utilizados na lida com o gado. Como fundamentação teórica, utilizamos bases centradas no estudo do léxico, dialetologia e sociolinguística com PAIM (2015), CARDOSO (2010), PEIXOTO (2007) CASCUDO (1969, 1972, 1984). A metodologia utilizada para fins de coleta, organização, classificação e análise dos dados é padronizada e estabelecida pelo Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALiB (2001) e consiste nas seguintes etapas: 1) busca dos dados léxicos extraídos por meio de entrevistas *in loco*, de modo que as perguntas que as compuseram foram retiradas do trabalho de AGUILERA e FIGUEIREDO (2000); 2) transcrição e tabulação do material; 3) análise das terminologias. A partir da análise dos dados apresentados concluímos que a linguagem dos vaqueiros é fruto de uma construção sócio geográfica, pois, durante a análise dialetológica perceptiva, é possível observar distinções de contexto da fala, tanto numa perspectiva regional, quanto naquilo que corresponde ao tempo histórico em que ela foi empregada.

**Palavras-chave:** Variação; Léxico; Dialetologia; Sociolinguística.

## THE VARIATION OF THE LEXIC OF COWBOYS IN FÁTIMA-BAHIA

### Abstract:

The present work is inserted in the perspective of lexical investigation and constitutes an analysis of the speech variation of cowboys from Fátima, a city in the state of Bahia. Our main objective is to verify how, through the linguistic signs, the cowboys nominate and apprehend the reality in which they live. For this, the lexies used by the cowboys were surveyed from semantic fields, more specifically in the field "Instruments" used when working with cattle. As theoretical basis, we used bases centered on the study of lexicon, dialectology and sociolinguistics with PAIM (2015), CARDOSO (2010), PEIXOTO (2007) CASCUDO (1969, 1972, 1984). The methodology used for data collection, organization, classification and analysis is standardized and established by the National Committee of the Linguistic Atlas Project of Brazil - ALiB (2001) and consists of the following steps: 1) search for lexical data extracted through interviews in loco, so that the questions that composed them were taken from AGUILERA and FIGUEIREDO (2000); 2) transcription and tabulation of the material; 3) analysis of terminologies. From the analysis of the presented data, we conclude that the language of the cowboys is the result of a sociogeographic construction, because, during the perceptual dialectological analysis, it is possible to observe distinctions of the speech context, both in a regional perspective, and in what corresponds to the historical time in that it was employed.

**Keywords:** Variation; Lexicon; Dialectology; Sociolinguistics.

## LA VARIACIÓN DEL LÉXICO DE LOS VAQUEROS EN FÁTIMA-BAHIA

### Resumen:

Este trabajo se inserta en la perspectiva de la investigación léxica y constituye un análisis de la variación del habla de los vaqueros de la región fatimense, en el estado de Bahia. Nuestro objetivo principal es verificar cómo, a través de los signos lingüísticos, los hombres de ganado de Fátima nombran y aprenden la realidad en la que viven. Para esto, las lexías utilizadas por los vaqueros fueron examinadas desde campos semánticos, más específicamente en el campo "Instrumentos" utilizados para tratar el ganado. Como base teórica, utilizamos bases centradas en el estudio de léxico, dialectología y sociolingüística con PAIM (2015), CARDOSO (2010), PEIXOTO (2007) CASCUDO (1969, 1972, 1984). La metodología utilizada para la recopilación, organización, clasificación y análisis de datos está estandarizada y establecida por el Comité Nacional del Proyecto del Atlas Lingüístico de Brasil - ALiB (2001) y consta de los siguientes pasos: 1) búsqueda de datos léxicos extraídos a través de entrevistas in loco, de modo que las preguntas que las compusieron fueron tomadas del trabajo de AGUILERA y FIGUEIREDO (2000); 2) transcripción y tabulación del material; 3) análisis de terminologías. Del análisis de los datos presentados concluimos que el lenguaje de los vaqueros es el resultado de una construcción socio geográfica, porque, durante el análisis perceptual dialectológico, es posible observar distinciones del contexto del habla, tanto en una perspectiva regional, como en lo que corresponde al tiempo histórico en que ella estaba empleada.

Palabras clave: variación; Léxico; Dialectología; Sociolingüística.

## 1. INTRODUÇÃO

A linguagem é uma prática social que se organiza em um sistema de signos. Ela permite nomear, criar ou mesmo transformar o mundo e é nesse sentido que o ato de falar diz muito sobre a cultura de cada indivíduo, mostra suas crenças e costumes, carrega consigo a história de uma nação. “A linguagem é um complexo de sistema de códigos, formado no curso da história social” (LURIA, 1986, p. 27), dessa forma, estudar a língua característica de um povo é conhecer mais sobre sua cultura, e é também uma forma de preservar valores que vão se perdendo com o tempo, devido a fatores inevitáveis do desenvolvimento global da sociedade.

Junto a cada comunidade, acompanha-se um emaranhado de significados e significantes que dão corpo a um ramo singular de cada cultura. Numa determinada tribo indígena, por exemplo, a fala possui traços culturais e linguísticos característicos daquela região. As pessoas e os objetos são nomeados com palavras específicas do vocabulário indígena, como é o caso das palavras cari, que significa homem branco e pitanga usada para designar a cor vermelha.

Ao observar essa morfogenia e diversidade que há na fala dos indivíduos, não se pode deixar de citar também os vaqueiros, um grupo específico da região nordestina, trazem consigo uma marca desse território, visto que, assim como as demais alianças sociais, eles também possuem uma linguagem característica de sua comunidade extremamente rica e pouco valorizada.

Para enfatizar a máxima anterior, destacam-se exemplos de expressões como: “apartar o gado” (separar os bezerros das vacas leiteiras, ou separar as rês para formar lotes ou curar), “mourão” (tronco de madeira que fica erguido verticalmente no meio do curral) e “barijera” (inseto causador de bicheira nos animais), que são demonstrações de lexias muito usadas na vida diária dos vaqueiros e ajudam a definir essa cultura peculiar.

É a partir de exemplos como esses que é possível notar como “as línguas constituem sistemas muito distintos e variados” (BIDERMAN, 2001, p. 14), e que dentro de

uma mesma cidade, estado ou país, os homens têm a necessidade de interagir de modo cognitivo com o seu meio por via particular. Sua fala retrata aspectos da sua comunidade, como é o caso dos vaqueiros do sertão baiano, que vivem numa comum-unidade, em que é produzida uma cultura singular por meio de um acervo linguístico próprio.

É nessa perspectiva, portanto, que devem ser destacados os métodos dialetológicos e sociolinguísticos para o estudo em questão, uma vez que esses tratam respectivamente da relação existente entre a língua, sociedade e cultura, temas importantes num estudo de cunho lexical.

Diante das análises que foram provenientes de tais métodos, é preciso relevar que o retrato do sertão baiano são suas tradições (incluindo também o seu linguajar) e isso reafirma a importância de existir a culminância de tal projeto, já que fica clara, a partir do que foi exposto, a necessidade de preservar a modalidade de língua oral específica da realidade sociocultural dos vaqueiros fatimenses e os valores sociais que estão sendo apagados aos poucos pela nova era secular.

Nesse rumo, objetiva-se com este trabalho verificar como, por meio dos signos linguísticos, os homens de gado fatimense nomeiam e apreendem a realidade em que vivem, e assim constroem e projetam a sua identidade a partir do léxico. Para isso, foi feito o levantamento das unidades lexicais utilizadas pelos vaqueiros a partir de campos semânticos, mais especificamente no campo “Instrumentos” utilizados na lida com gado.

## 2. ESTUDOS VARIACIONISTAS NA PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA E DIALETOLOGIA

A língua desempenha as funções imediatas de comunicação. Ela é um sistema de signos em que é possível construir nossas relações e compartilhar pensamentos e emoções. Por se tratar de um fenômeno dinâmico, fica evidente a sua heterogeneidade e capacidade de mudança, e é no léxico que a diversidade se materializa. Através do léxico é possível constatar a leitura que determinado grupo faz de seu contexto. Ele, na pers-

pectiva de Dubois (*et al.*, 1973, p. 364), é definido como “o conjunto das unidades que formam uma língua de uma comunidade, de uma atividade humana, de um locutor, etc.” e de acordo com Paim (2015, p. 36): “No léxico encontra-se uma grande variedade regional e sociocultural do português brasileiro, pois o repertório lexical vem se moldando com o tempo, com as características sócio-históricas e político-culturais de uma comunidade”.

Ao adentrar no campo das variedades linguísticas, é preciso deixar claro os tipos de variação que podem ocorrer nas comunidades. De acordo com Barreto (2006, p. 57), elas podem ser: “Diastráticas - estão relacionadas aos fatores sociais; Diafásicas - referem-se aos diversos estilos ou registros linguísticos que cada falante pode usar; e Diatópicas - diferenças linguísticas relacionadas aos fatores geográficos”. Além dessas, é pertinente citar a variação diageracional, que na concepção de Paim (2011) diz respeito às diferenciações linguísticas identificadas a partir da faixa etária de uma determinada população em uma dada localidade.

Duas ciências que reconheceram desde cedo a heterogeneidade da língua foram a sociolinguística e a dialetologia, e por vezes tem se considerado, até certo ponto, sinônimas, por abordar a língua falada e o uso linguístico. Essa primeira surgiu nos Estados Unidos, em meados dos anos 1960, principalmente a partir dos estudos de William Labov, e é uma área que se preocupa em estudar a língua em relação à sociedade, leva em consideração a total variedade da língua enquanto fenômeno histórico-social. Para além desses dois campos científicos, há ainda a geolinguística, que agrega uma perspectiva geográfica para delimitar o uso de uma língua em determinado contexto.

Na visão de Cesário e Votre (2008, apud MARTELOTTA, 2011, p. 48):

O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais

fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para a mudança.

Dessa forma, observa-se que são levados em consideração a língua em uso e o seu caráter dinâmico e heterogêneo, bem como os processos de variação que podem se configurar em mudança, tudo isso em um contexto social a partir da comunidade linguística. E como a língua é construída na coletividade, se faz importante estudá-la vinculada à realidade dos indivíduos que as usa, para que ela não adquira assim um caráter mecânico e técnico.

Já dialetologia estuda os traços linguísticos, investigando as variações de um determinado linguajar, de modo a focalizar, principalmente, nos aspectos geográficos. Assim,

A dialetologia, por seu caráter descritivo, tem na modalidade falada da língua o seu objeto de pesquisa e na busca de elucidação da variação geográfica e social, a que a fala está sujeita, o norte para os seus estudos, o que evidencia o caráter imprevisível, dinâmico e ilimitado dos caminhos que pretende trilhar. (PEIXOTO, 2007, p.37)

Seguindo a mesma linha, Cardoso (2010, p.15) afirma que “[...] a dialetologia é um ramo dos estudos linguísticos que tem por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial sociocultural e cronológica.” Assim, as perspectivas dialetológicas se fazem importantes no estudo de cunho linguísticos que levem em consideração os fatores externos. Entre os brasileiros, as pesquisas nessa área estão crescendo, resultando na criação de atlas nacionais e regionais, como o ALiB – Atlas Linguístico do Brasil, o mais recente. “As descobertas feitas por um atlas são como brechas numa

muralha: através das fendas será possível penetrar no ignorado(...)” (ALVAR, 1958, p. 85).

Surgida no século XIX, a dialetologia começou a ser reconhecida e estudada na França, com a criação do Atlas Linguistique de la France – ALF e com a implementação dessa disciplina dialetal na École Pratique des Hautes Études de Paris. Este atlas foi o estopim para a produção de trabalhos posteriores trazendo a fala de uma comunidade específica e registrando-a em mapas (BARRETO, 2006).

No Brasil, as pesquisas dos dialetos tiveram como precursor o intelectual Júlio Ribeiro, que nos seus estudos sobre os falares dos brasileiros, em 1981, divide o país em quatro campos dialetais. Logo após, houve a categorização dialetal de Antenor Nascentes, no ano de 1922, em sequência, a publicação da sua obra *O linguajar carioca*, seguida de outras pesquisas na mesma linha.

Nascentes (SANTOS, 2017) propõe dois falares: os do Norte – Amazônico e Nordeste, e os do Sul – Sulista, Mineiro, Fluminense e Baiano. Ele ainda nomeia um terceiro campo chamado de território incaracterístico. Após essa divisão nenhuma outra foi apresentada.

Vale ressaltar que, ao trabalhar numa perspectiva da língua enquanto fenômeno social, é preciso ter a compreensão de que ela não deve ser abordada como um fenômeno estático. De acordo com Matoré (1973 *apud* MARENGO, 2016): “a palavra, além de ser o resultado de uma evolução histórica, é, também, uma ferramenta da compreensão social”, portanto, a partir dos dados registrados no ALiB, acerca das terminologias que designam enfermidades oculares na região de Aracaju, pretende-se estender a análise a um cunho de estudos sociais e dialetológicos.

### 3. GEOLINGUÍSTICA

Se para a sociolinguística, cabe o estudo da linguística diastrática (ALVAR, BLANCH, 1978) e para a estilística cabe o estudo da linguística diafásica (SILVA, 2003), à dialetologia e a geolinguística compete o estudo científico das variações linguísticas diatópicas. Essas duas

últimas áreas de pesquisa são consideradas sinônimas, pois apresentam os mesmos objetivos no campo de atuação, no entanto, historicamente, a geolinguística passa por uma reformulação interdisciplinar a partir de 1960. Para Cardoso (2016), no entanto, a geolinguística é menos abrangente que a dialetologia, funcionando tecnicamente como parte do seu método de estudo específico para delimitações linguístico-geográficas.

Para ela:

No plano geográfico, a Dialetologia identifica a variedade que uma língua apresenta no plano espacial, mostrando que, diatopicamente, os usos podem representar diferenças regionais que assinalam uma área em relação a outra ou identidades existentes entre elas, seja num mesmo domínio geopolítico, seja entre países distintos (...) (CARDOSO, 2016, p.14).

Desse modo, considerando os objetivos da dialetologia como a descrição dos espaços geográficos onde há a presença de uma ou mais línguas, qualificação social dos registros estudados e contexto temporal do que foi captado (CARDOSO, 2016), presume-se que a geolinguística determina maior atenção às questões espaciais e temporais, pois são cruciais no tocante a evolução e delimitação geográfica das línguas num dado contexto.

A geolinguística pode ser compreendida em diversas estratificações que a compõem. Dentre elas, as principais são a dialetologia regional, ou demolinguística, que é o estudo estatístico das populações aplicado às línguas (VILA I MORENO, 2012), e a dialetologia de percepção, que é àquela que analisa a percepção extraída dos mapas construídos a partir das pesquisas demolinguísticas (PRESTON, 1989).

No Brasil, existem famosas aplicações da geolinguística como metodologia fundamental para estruturação de alguns mapas como o Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), o Atlas Linguístico do Amazonas (ALAM) e o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALRS) (SIQUEIRA, MAGALHÃES e GONÇALVES, 2014).

Para construção de mapas como esses, a metodologia a ser utilizada parte dos seguintes parâmetros: definição da área e do objeto de investigação, caracterização dos sujeitos falantes e os instrumentos necessários para a coleta das informações (CARDOSO in JUNIOR E MOLLICA, 2016). No tocante a área delimitada, é importante ressaltar a razão entre o contexto histórico, econômico, social e espacial desse lugar, pois ele será de fundamental importância na fase de percepção do trabalho geolinguístico. No que diz respeito aos espaços, essas análises podem ser feitas em pequenas regiões, vilarejos, estados ou até continentes, tomando como exemplo desse último caso o *Atlas Linguarum Europae* (ALE).

#### 4. O VAQUEIRO

Os vaqueiros trabalham em seu dia a dia enfrentando o sol, a chuva e os perigos da caatinga para cuidar do rebanho bovino. De acordo com Machado (2003), eles são considerados a figura central de uma fazenda. A profissão vaqueira existe há muito tempo e é passada de pai para filho.

O rebanho de gado bovino, principal instrumento na lida do vaqueiro, chegou ao Brasil em 1534, ainda na época da colonização portuguesa, trazido das Ilhas de Cabo Verde, na África (MORAIS, 2009). Como a criação desses animais havia aumentado, principalmente no Nordeste brasileiro, surgiu a necessidade de alguém que cuidasse das reses. Assim, por conta da imensidade das terras e falta de cercados para o gado pastar, surgiram os primeiros vaqueiros, em meados do século XVII.

Nas antigas fazendas não existiam cercas, o rebanho era criado solto, dessa forma, a gadaria se misturava com o de outros fazendeiros. A figura do homem de gado era essencial nesse manejo, já que esse sujeito conhecia com propriedade a rês com que lidava, facilitando assim o processo de partilha organizado pelos fazendeiros.

No período de junho a julho, os vaqueiros da região se reuniam para a separação do gado entre os proprietários, eis aí a caracterização das apartações ou par-

tilhas. Nesse mesmo contexto, as reses eram pegues para serem curadas, ferradas ou comercializadas. Essas reuniões eram consideradas por muitos como um momento de diversão entre os presentes. Nesse ato de apartar a “bizerrama” o vaqueiro tinha parte nas reses. Assim, ao final do dia “cada vaqueiro regressava conduzindo a boiada. Antes da divisão havia um folguedo, puxava-se o gado, numa exibição de força, destreza e alegria da rara convivência social” (CASCUDO, 1984, p. 356-7), dava-se início a uma grande tradição no Nordeste: a vaquejada.

A vaquejada ou corrida de mourão é conhecida em todo o Brasil, revela cultura de um povo e se mostra de uma importância para o cenário do Nordeste do Brasil. O que antes era um trabalho e que também trazia diversão para os vaqueiros, hoje é um esporte que movimenta muito dinheiro em suas competições.

Uma prática também comum no cenário dos vaqueiros eram as pegas de boi no mato<sup>1</sup>. Esse ritual se valida quando o boi foge e fica longe do gado manso necessitando do vaqueiro para pegá-lo na caatinga e levá-lo de volta à fazenda. Em meio à procura do gado, na mata fechada, os vaqueiros saíam cortados e feridos e foi a partir daí que começou a surgir a necessidade de uma proteção (CASCUDO, 1969, p. 27).

Para enfrentar a rotina dura, é preciso usar uma roupa especial de couro, para proteger o vaqueiro da caatinga. Essa roupa é chamada de terno de couro, ou ainda de armadura de couro. As peças que o compõem são: gibão, peitoral ou guarda-peito, colete, perneiras, luva e chapéu de couro. De acordo com Cunha (2004, p. 151), essa armadura é feita de um “vermelho pardo como se fosse de bronze flexível e não tem cintilações, não rebri-lha ferida pelo sol além de ser fosca e poenta”. O cavalo também precisa de proteção, para isso, usa-se um peitoral e uma joelheira. Sem essas “roupas especiais” no vaqueiro e no cavalo, não seria possível enfrentar a mata fechada e as pedras.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos vaqueiros é a seca. Com as barragens secas e, muitas vezes, a falta de comida, se fazia necessário levar a boiada para

outras regiões. O transporte podia durar muitos dias, atravessando cidades e fazendas, até chegar às regiões de aguadas, seu destino final. Quando o fazendeiro resolvia deixar a boiada na fazenda, os alimentos mais comuns que as reses comiam eram aqueles típicos das regiões da caatinga, como a macambira, palma, mandacaru e a palha de milho, quando acessível.

Entretanto, em meio ao trabalho duro, à sensibilidade e à poesia, os vaqueiros têm seu espaço garantido no ofício dos homens de gado. Eles usam a voz no manejo do gado, entoam aboios na condução da boiada. Luís da Câmara Cascudo, em sua obra *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1972, p. 21), define o aboio como “canto sem palavras, marcado exclusivamente por vogais, entoado pelos vaqueiros quando conduzem o gado”. Já Cunha (2004, p. 160) caracteriza essa melodia como “canto do vaqueiro à frente do gado; toada pouco variada e triste que serve para guiar e pacificar as reses (...)”. Além disso, Mário de Andrade, em seu livro *Dicionário musical brasileiro* (1989), diz que o aboio é destituído de palavras, ou pode ser entoado com simples vocalizações ou palavras interjetivas, como “boi é boi”.

O termo aboio possui várias denominações, visto que pode ser entoado por meio de vogais ou em forma de versos, apesar de muitos dos vaqueiros não serem alfabetizados. Isso mostra que a falta de letramento não lhes impedia de produzir versos em linguagem simples e poética. No ciclo do gado, eram comuns narrativas de amor, de apartações de bois que fugiram da fazenda e de vaqueiros que morreram no exercício da profissão de que eles tanto se orgulham.

Diante desses fatos e demonstrações, é possível constatar parte da riqueza cultural e lexicológica presente na figura do vaqueiro, justificando assim a viabilidade e a relevância científica do trabalho.

## 5. METODOLOGIA

A pesquisa de campo é de muita importância em trabalhos linguísticos, uma vez que ela proporciona na busca por dados científicos um maior contato entre o pesquisador/inquiridor e o entrevistado. E além de registrar

os diferentes usos da língua, como bem cita Cardoso e Mota (2012), possibilitam ainda

ouvir de viva voz — e esse é um dos muitos pontos positivos —, *in loco*, no ambiente em que vive o falante, no seu próprio contexto, no calor humano do aparentemente neutro interrogatório linguístico, histórias, relatos, explicações que exibem o peso da sua inserção cultural e da sua inserção no mundo. (CARDOSO, MOTA, 2012, p. 863)

É nesse sentido que a metodologia que foi utilizada nesta pesquisa para fins de coleta, organização, classificação e análise dos dados é padronizada e estabelecida pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB (2001) e consiste nas seguintes etapas: 1) busca dos dados léxicos extraídos por meio de entrevistas *in loco*, de modo que as perguntas que as compuseram foram retiradas do trabalho de AGUILERA e FIGUEIREDO (2000); 2) transcrição e tabulação do material; 3) análise das terminologias utilizadas para designar os “Instrumentos utilizados na lida com o gado”, mais especificamente o “Ferro redondo na venta da rês”, “Instrumento para cutucar o gado” e “Peça de madeira no pescoço da rês”.

Esta pesquisa foi realizada no ano de 2015 para a elaboração do trabalho final da graduação em Letras Vernáculas, pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais AGES. Aqui utilizamos um recorte dela.

## 6. A COMUNIDADE PESQUISADA: FÁTIMA

Fátima fica a 356 km de distância da capital do estado da Bahia, Salvador, e possui uma área de 356 km. Antes de se tornar cidade era vila de Cícero Dantas, que fica a 18 km. Ela já possuiu vários nomes: Monte Alverne, Mocó, Feirinha, Vila de Fátima, e por fim, Fátima, nome dado em homenagem ao padre Renato Galvão, muito considerado na localidade, e devoto de Nossa Senhora de Fátima.

Essa cidade possui aproximadamente 18 mil habitantes (BORGES, 2009), e de acordo com o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)

esse número se mantém pouco alterado com o decorrer dos últimos anos. Localiza-se no agreste da Bahia e faz divisa com três municípios baianos – Cícero Dantas, Heliópolis, Adustina – e um sergipano – Poço Verde. De clima seco e subúmido, a temperatura média anual varia entre a mínima de 20° C, média de 24° C e 28° C de máxima (BORGES, 2009).

Na figura abaixo, podemos observar que o município está localizado na divisa entre Bahia e Sergipe.

Figura 01: Localização do Município de Fátima



Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima\\_\(Bahia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%A1tima_(Bahia))

## 7. ANÁLISE DOS DADOS

As questões a serem analisadas encontram-se no questionário de Aguilera e Figueiredo (2000) e correspondem aos números 184, 186 e 187, localizadas no campo semântico “Instrumentos”. Abaixo podemos observá-las (p. 43-44).

184. Como é chamado aquele ferro redondo que se coloca nas ventas do animal para levá-lo de um lugar para outro?

186. Como chama o instrumento que se usa cutucar o gado para ele entrar, por exemplo, na mangueira ou no caminhão?

187. Como é chamada aquela peça de madeira que se coloca no pescoço da rês para ela não pular a cerca?

Foram entrevistados quatro vaqueiros, ambos do sexo masculino e de faixa etária de 53 a 83 anos. As respostas foram organizadas em forma de quadros, sendo que cada um deles corresponde a uma pergunta.

Para analisar os verbetes, recorreremos aos dicionários da língua portuguesa Houaiss (2009), Aurélio (1999), Michaelis (1998). Depois da busca pelos significados, o contexto em que as palavras foram encontradas foi confrontado com o seu respectivo significado registrado em cada documento.

Quadro 01: Como é chamado aquele ferro redondo que se coloca nas ventas do animal para levá-lo de um lugar para outro?

INFORMANTES	RESPOSTAS
01	Furmiga
02	Argola
03	A gente chama tramela
04	Furmigão

Quadro 02: Como chama o instrumento que se usa cutucar o gado para ele entrar, por exemplo, na mangueira ou no caminhão?

INFORMANTES	RESPOSTAS
01	É o ferrão.
02	Guiada.
03	Vara de ferrão.
04	Guiada.

Quadro 03: Como é chamada aquela peça de madeira que se coloca no pescoço da rês para ela não pular a cerca?

INFORMANTES	RESPOSTAS
01	Cambão.
02	Canga, nós chama canga. Cambão ou canga.
03	Cambão
04	É canga, cambão.

### 7.1 Ferro redondo na venta da rês

Há um ferro que é colocado nas ventas do boi para levá-lo de lugar para outro. As maneiras para nomeá-lo que foram encontradas são: furmiga (01 informante), argola (01 informante), tramela (01 informante) e furmigão (01 informante).

No dicionário Aurélio, “argola é um anel metálico para prender ou puxar qualquer coisa”. Já tramela é uma “peça de madeira que se prende ao pescoço dos bezerros para impedir que mamem”. O vocábulo formiga, no dicionário Michaelis, significa “um aparelho que se aplica nas narinas dos bois para puxá-los”, e formigão,

no dicionário de termos zootécnicos e palavras correlacionadas com a produção animal, de Torres (pesquisa online), é uma ampliação da formiga usada para reprimir touros.

## 7.2 Instrumento para cutucar o gado

O instrumento usado para cutucar o gado quando ele está bravo, ou para guiá-lo é chamado pelos informantes por ferrão (01 informante), guiada (02 informantes), vara de ferrão (01 informantes).

No dicionário Michaelis, ferrão é uma vara com ponta de ferro e a guiada é uma alteração feita no Brasil ao verbete aguilhada, vara comprida com ferrão na ponta usada para tanger bois.

## 7.3 Peça de madeira no pescoço da rês

Os vaqueiros costumam colocar no pescoço da rês uma peça de madeira que a impede de pular a cerca. Essa ferramenta, segundo um dos informante, foi descrita da seguinte forma: “canga, nós chama canga. Cambão ou canga” (inf. 02).

Cambão, segundo o dicionário *Aurélio*, é um pedaço de pau que se prende no pescoço da rês para impedi-la de correr. No dicionário Michaelis, é um pau que se pendura no pescoço do animal para impedi-lo de se afastar muito, ou de entrar em roças ou cercados.

Canga na definição dos dicionários Aurélio, Houaiss e Michaelis, se diferencia dos informado pelos vaqueiros pesquisados. Ela é uma peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado.

## 8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi exposto no artigo, fica evidente a heterogeneidade da língua, o seu dinamismo, e é essa variedade linguística que reflete a social. De acordo com Labov (apud MENDES, 2015), a língua não é biológica, não se localiza na mente dos falantes, como afirmam os gerativistas, mas sim social, por causa de seu uso numa comunidade de falantes. Nesse sentido,

ela não é explicada somente em termos linguísticos, mas também sociais.

Durante o desenvolvimento do escrito, foi apresentada a variação dos itens lexicais utilizados para nomear os instrumentos utilizados na lida com o gado, em Fátima-Bahia. A partir da análise dos dados apresentados pode-se concluir que a linguagem dos vaqueiros é fruto de uma construção sócio geográfica, pois, durante a análise dialetológica perceptiva, é possível observar distinções de contexto da fala, tanto numa perspectiva regional, quanto naquilo que corresponde ao tempo histórico em que ela foi empregada.

Como se aspirava a princípio, isso demonstra a riqueza proveniente da cultura e linguagem do vaqueiro fatimense e transmite a mensagem de contínua e constante necessidade de preservação desse patrimônio local. Além disso, o estudo permite conceber as definições dos mais populares campos de estudo da linguística, viabilizando, assim, que outros pesquisadores possam usá-lo como norte quando precisarem estudar alguma área específica de interesse geográfico-social.

## NOTA

1 “Fora da exibição das vaquejadas, o vaqueiro derruba o animal que persegue para poder enchochá-lo, mascará-lo, peá-lo e trazê-lo para o curral” (CASCUDO, 1972, p. 901).

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, Vanderci de Andrade; FIGUEIREDO, Maria Beatriz Tozetti. A composição de um questionário sobre o léxico do gado. *Signum*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. nº 5. Londrina, 2002. p. 9-50.
- ALVAR, Manuel. Diferencias en el habla de hombre y mujeres. *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, 121, 1958, p. 85.
- ALVAR, Manuel; BLANCH, Juan M. Lope. En torno a la Sociolingüística. México: UNAM - Instituto de Investigaciones Filológicas - Centro de Lingüística Hispánica [Cuadernos, Nº. 3], 1978.
- ANDRADE, Mário. *Dicionário musical brasileiro*. Coordenação: Onyeda Alvarenga, 1982-84. Flávia Camargo Toni, 1984-89. EDUSP. SP, 1989.

- BARRETO, Evanice Ramos Lima. **O léxico dos trabalhadores na produção artesanal de fogos em Muniz Ferreira – BA**. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em Letra e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires (org.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.
- BORGES, Edna. **Fátima: nossa terra nossa gente**. Aracaju: J. Andrade, 2009.
- CARDOSO, Susana Alice. Dialetolegia. In JUNIOR, Celso Ferraz; MOLLICA, Maria Cecília. **Sociolinguística, Sociolinguísticas: Uma introdução**. São Paulo, Editora Contexto, 2016.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, São Paulo, 56 (3): 855-870, 2012.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **A Vaquejada Nordestina e Suas Origens**. Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, MEC. Recife, 1969.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 3. ed. Editora Ediouro. São Paulo, 1972.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura Oral no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel. 2001.
- CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. Editora Martin Claret. São Paulo: SP, 2004.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HECKLER, Evaldo. **Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa**. São Leopoldo, UNISINOS, 1984.
- HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Sales. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo 2010. Disponível em: Acesso em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/fatima/panorama> 15 de março de 2015, às 10h32min.
- LURIA, Alexandre Romanovich. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein e Mírio Corso; Supervisão de trad. de Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- MACHADO, Regina Coeli Vieira. **Vaqueiro do Nordeste Brasileiro. Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 2003. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: 28 de maio de 2015, às 22:03.
- MARENGO, Sandro Márcio Drumond Alves. **Variações terminológicas e diacronia [manuscrito]: estudo léxico-social de documentos manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX**. 2016. 509 f. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Mudança linguística: uma abordagem baseada no uso**. São Paulo: Cortez, 2011.
- MATORÉ, G. **La Méthode en Lexicologie. Domaine Français**. Paris: Librairie Marcel Didier, 1973.
- MENDES, Ronald Beline. Língua e Variação. In: FIORIN, José Luiz. **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2015.
- MICHAELIS: moderno dicionário da Língua Portuguesa. São Paulo. Companhia Melhoramentos, 1998. (Dicionário Michaelis).
- MORAIS, Viviane Lima de. **Da subjetividade do homem à materialidade do boi: recriando Áfricas na diáspora**. 2009. 213 f. Tese de Doutorado (Doutorado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC-SP. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp151189.pdf>. Acesso em 18 de abril de 2015, às 18h:16min.
- PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical nos campos semânticos corpo humano e ciclos da vida: o que revelam os dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Diadorim**. UFRJ, Rio de Janeiro, v.8, 2011.
- PAIM, Marcela Moura Torres. As variantes para *animal sem chifres* na Bahia e em Sergipe. **Entrepalavras**, Fortaleza - ano 5, v.5, n.2, p. 35-51, jul/dez 2015.
- PEIXOTO, Lílian Marilac Cornélio de Freitas. **A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical**. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- PRESTON, Dennis R. **Perceptual Dialectology: Nonlinguistics Views of Aerial Linguistics**. USA: Foris Publications, 1989.
- SANTOS, Leandro Almeida dos. Em busca de áreas dialetais brasileiras: jogando “bolinha de gude”. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 182-194, jan./jun. 2017.
- SILVA, M. E. B. da. Os estudos dialetológicos e o seu compromisso com o ensino. **Cadernos da ABF**. Vol. II, nº 01. Rio de Janeiro: Letras UERJ, 2003.

SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara L. Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. Dialectologia e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. **Revista Intercâmbio**, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x.

TORRES, Geraldo Cesar de Vinhães; TORRES, Paulo Emílio L.M. de Vinhães. **Dicionário de Termos zootécnicos e palavras correlacionadas com a produção animal**. Disponível em: <[http://www.crmvba.org.br/uploads/news/anexos/00000017\\_20150309095005\\_DICIONARIO%20PRONTO%20final%202.pdf](http://www.crmvba.org.br/uploads/news/anexos/00000017_20150309095005_DICIONARIO%20PRONTO%20final%202.pdf)>. Acesso em 09 de junho de 2015, às 23:52.

VILA I MORENO, F Xavier. **Apunts sobre la recerca demolinguística en el domini català**. Centre Universitari de Sociolinguística i Comunicació, Universitat de Barcelona i Parc Científic de Barcelona Xarxa CRUSCAT, Institut d'Estudis Catalans, 2012.

## OS AUTORES

**Camila dos Santos Reis** possui graduação em Letras pela Faculdade de Ciências Humanas e Sociais AGES, de Paripiranga (2015). Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

**Sandro Marcio Drumond Alves Marengo** é Doutor em Estudos Linguísticos (UFMG) com Pós-Doutorado em Linguística Histórica (UFBA). É Professor de Linguística do Departamento de Letras Vernáculas e dos Programas de Pós-Graduação Stricto Sensu acadêmico (PPGL) e Profissional (ProfLetras) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Membro do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).

